

A APRENDIZAGEM DA LEITURA NA *CARTINHA* DE JOÃO DE BARROS

Alexandre José Silva
Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – PUC/SP

Cristiano Silva Jesuíta
Mestrando do Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa – PUC/SP

RESUMO

Nosso objetivo neste trabalho é o de identificar os planos de aprendizagem da leitura que permeiam a *Cartinha*, transformando-a num documento original e singular. Fundamentamos nossa pesquisa na área teórica da História das Ideias Linguísticas e delimitamos nossas análises ao âmbito do abecedário e do silabário, deixando a parte correspondente às orações (preceitos e mandamentos religiosos) para estudos futuros. Concluimos que João de Barros foi um precursor no campo da metodologia e um pioneiro no que diz respeito à didática contemporânea.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas. Leitura. Gramática. João de Barros.

APRESENTAÇÃO – JOÃO DE BARROS¹

João de Barros provavelmente tenha nascido em Vila Verde, próximo à cidade de Viseu, no ano de 1496. Vindo de família nobre, filho do fidalgo Lopo de Barros, desde cedo manteve fortes relações com a corte lusitana. Teve uma formação cultural ampla e fortalecida “por um auto-didactismo de que as suas obras são documentos: a erudição clássica, através de um conhecimento detalhado dos autores latinos e alguns filósofos e historiadores gregos; a cultura escolástica e patrística, visíveis em seus diálogos morais, na cartinha e na gramática” (Buescu, 1978, pp.57-58).

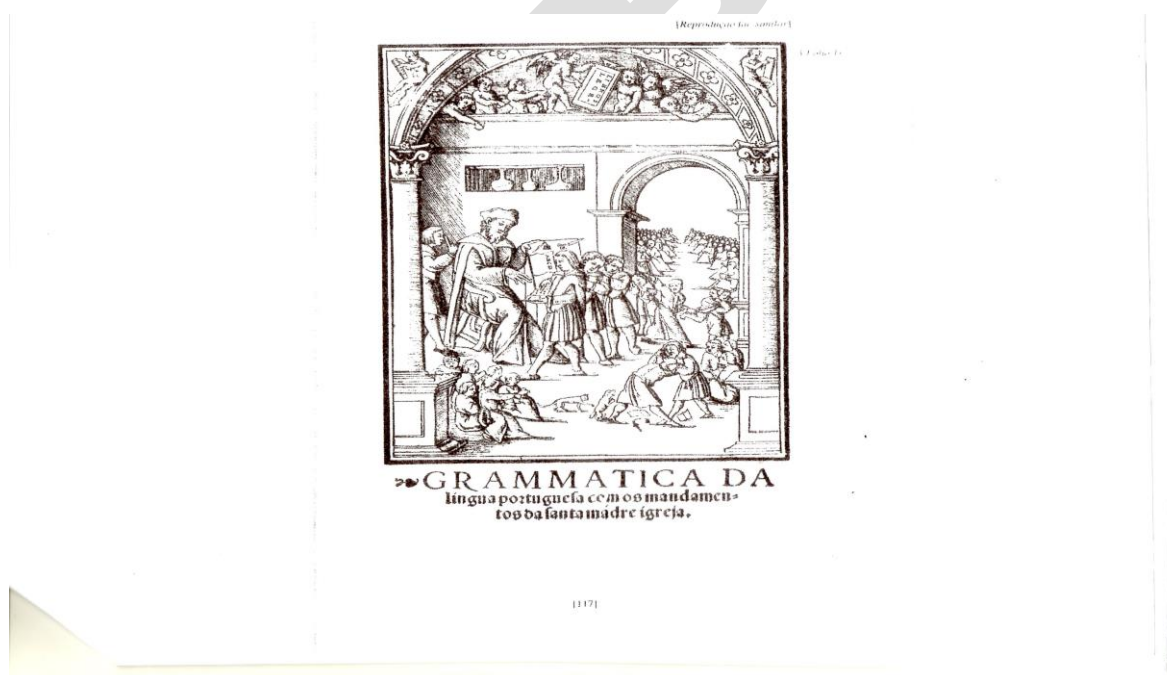
Como mestre, teve, entre outros, o Bispo D. Diogo Ortiz, autor *D’o Cathecismo Pequeno*, que a ele ensinou a língua latina e os princípios e verbos das sagradas escrituras. Assumiu vários cargos importantes no Estado português. Foi governador do castelo de São Jorge da Mina (1522-1525), tesoureiro da casa da Índia, da Casa da Mina e da casa de Ceuta (1525-1528) e feitor da casa da Guiné e da casa da Índia (1533-1567). Além disso, recebeu do rei as capitâneas do Rio Grande do Norte e do Maranhão (foral de 1535), no início da

¹ A respeito dos dados biográficos de João de Barros, servimo-nos da tese de doutorado de Adriana Duarte Bonini Mariguela: *Circularidade no século dezesseis: emergência da similitude na cartinha de João de Barros e no Cathesismo*, de Diogo Ortiz. Universidade Estadual de Campinas/SP, 2010.

colonização do Brasil. Sua ação como donatário, todavia não logrou êxito: um naufrágio acabou destruindo os planos de João de Barros de colonizar o Brasil.

Em 1567, foi morar em Ribeira de Litem (Portugal), próximo a Pombal, onde morreu em 20 de outubro de 1570. Em 1522, escreveu a *Crônica do Imperador Clarimundo*, um livro de cavalarias; em 1525, no reinado de D. João III, assumiu a função de tesoureiro na Casa da Mina em Lisboa, tornando-se depois, na Casa da Índia, tesoureiro-mor de Ceuta. Escreveu também *Rophopicapneuma ou Mercadoria Espiritual* em 1532; a *Cartinha com os preceitos e mandamentos a Santa madre igreja* em 1539; em 1540, produziu a *Grammatica da língua Portuguesa com os mandamentos da Santa Madre Igreja, Diálogo da Viciosa Vergonha e Diálogos sobre preceitos Morais*; em 1540 ou 1543, *Diálogo Evangélico sobre os Artigos da Fé*, dedicado ao Cardeal D. Henrique (como abordava questões da fé contra o Talmud dos judeus, a obra não foi aprovada para a publicação por D. Henrique); em 1533, escreveu *Panegíricos de D. João III*; em 1555, *Da Infanta D. Maria* e, por fim, *Décadas da Ásia* – volume I, em 1552; II, em 1553; III, em 1563; IV, em 1642.

A OBRA



A obra em estudo é um manual voltado para a “alfabetização” e, principalmente, para o ensino dos preceitos básicos do catolicismo. O exemplar aqui utilizado faz parte da edição crítica organizada por Gabriel Antunes de Araujo, publicada em 2008, e contém uma leitura

modernizada e uma reprodução fac-similar. Ela reproduz a única impressão original da obra de que se tem conhecimento.

Publicada em 20 de dezembro de 1539, nas oficinas de Luis Rodrigues, em Lisboa, a intitulada *Grammatica da língua Portuguesa com os mandamentos da Santa madre igreja*, conhecida muito mais como *Cartilha com os preceitos e mandamentos da Santa madre Igreja, e co os Misterios da missa e Responsoreos Della*, servia de introdução à obra denominada *Grammatica da língua Portuguesa*, publicada 23 dias depois, em 12 de janeiro de 1540, e acrescida pelo *Diálogo em louvor da nossa linguagem* e pelo *Diálogo da viciosa Vergonha*. Na *Cartilha*, João Barros revela alguns motivos que o levaram a produzir a obra: expor os preceitos básicos da gramática portuguesa para os estrangeiros, em especial os ultramarinos, e para os “mininos destes reinos” (BARROS, 1971, fol. A 3 r. : 5) aprenderem a ler e amarem a língua nacional. Nesse sentido, a *Cartinha*

[...] de João de Barros tinha uma dupla tarefa: educar e evangelizar, pois as cartilhas, além de ensinar as primeiras letras, serviam como instrumento de evangelização ao levar a doutrina católica aos povos recém-contactados pela expansão do Império. No mundo português do século XVI, a expansão do império lusitano acarretou também a expansão da língua portuguesa. Por sua vez, a expansão da língua portuguesa escrita não se limitou ao ultramar e teve, como instrumentos pedagógicos, por um lado, as cartilhas para aprender a ler e, por outro, as gramáticas e ortografias [...] (ARAUJO, 2008, p. 7)

João de Barros, inicialmente, faz referência ao grego Esopo para metaforizar acerca da relação ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Para isso, relaciona os benefícios que a terra dá às ervas daninhas em detrimento às sementes plantadas pelo agricultor. Ou seja, a terra é “mãe” das primeiras e “madrastas” das últimas. Tal analogia serviu para revelar a importância do estudo da língua portuguesa como língua materna, até então deixada em segundo plano pelos educadores, uma vez que valorizavam o aprendizado das línguas clássicas. Além disso, João de Barros alerta para os benefícios que o ensino de língua materna propicia aos meninos em tenra idade. Tanto é verdade que, após a introdução-dedicatória, dirige sua obra ao “Muito Alto e excelente príncipe Dom Felipe”², que tinha à época seis anos.

A preocupação de João de Barros com o ensino ministrado às crianças era de grande ineditismo para a época, uma vez que as línguas vernáculas

² D. Felipe (D. Felipe II) faleceu com seis anos, no ano de 1539, logo antes da impressão da *Cartinha*, de João de Barros. Destacamos que, no exemplar, editado em 1539, presente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o nome impresso Felipe está riscado e, ao seu lado, está manuscrito a palavra *Ioam* (João).

[...] ainda estavam em processo de constituição gramatical e o seu uso na escrita era uma tendência advinda do Renascimento. Até então, a língua que se aprendia dos preceptores ou nos bancos escolares era o latim. Também havia uma inclinação ao grego, mas a predileção era o latim. A tais idiomas, João de Barros chamava madrastras. Apesar disso, João de Barros não condena o ensino das línguas clássicas. Ao contrário, vê no ensino da língua portuguesa uma oportunidade de preparação para o aprendizado daquelas, dada a conformidade que há entre o latim e o português. Inclusive, em alguns trechos de sua obra, ele traz o texto nas duas línguas. (BARBOSA, 2010, p. 3)

Ainda quanto à língua materna, o cuidado de João de Barros nos permite observar outras características de sua pessoa: o patriotismo e a defesa ao catolicismo. Barros exalta a propagação da língua portuguesa nas terras do além-mar, vinculando-a à difusão da doutrina católica, o que a fez ser chamada por ele de “novo apóstolo”. Por conta da crise na Igreja com o surgimento do protestantismo, a necessidade de se expandir a fé católica, para além-mar, era de importância extrema. Destarte, é possível percebermos que as *Cartinhas* assumiam o papel de ensinar as letras e a leitura, difundindo os valores e a fé da nação portuguesa.

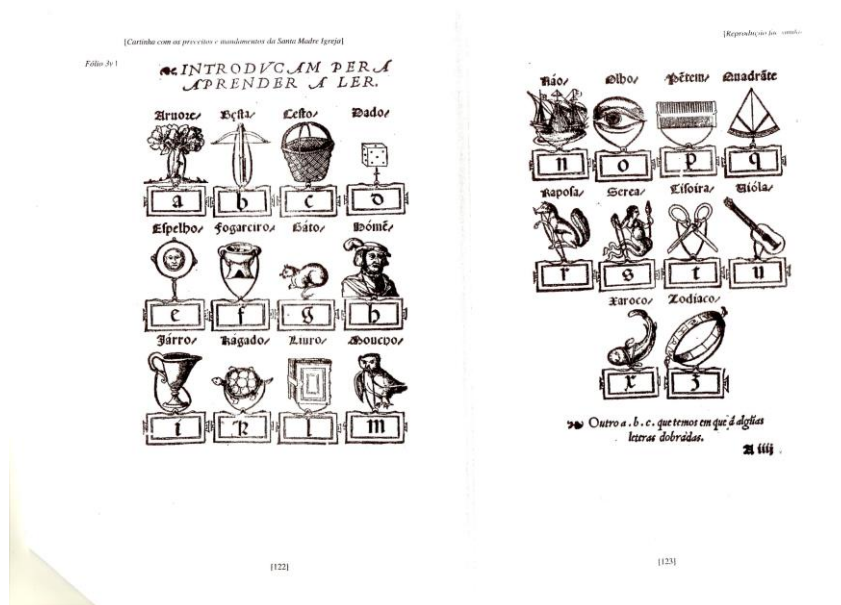
Na expansão para o oriente, as *Cartinhas* eram o símbolo da permanência de Portugal, já que introduziam a essência da alma lusitana e a doutrina cristã entre os povos. Muitas foram as *Cartinhas* em língua portuguesa impressas no início do século XVI. Vale destacar o fato de que as *Cartinhas*, entre os muitos livros cujo destino era Além-mar, a serviço do império e da fé, foram os mais frequentes, cumprindo o papel de atender à demanda de colonização que se acentuava na África e na Ásia: já em 1488 houve uma expedição do mestre Álvaro, com muitos livros eclesiásticos e morais; em 1490, a expedição para o Congo em que foram muitos livros e dois impressores; em 1504, foram para o Congo, Mestres de ler e muitos livros; em 1512, foi enviado um caixote de *Cartinhas* para Cochim; e, em 1514, foram 2.000 *Cartinhas* para Negus³.

A APRENDIZAGEM DA LEITURA

Tanto as *Cartinhas* como as *Gramáticas*, cuja finalidade é sempre ensinar algo a alguém, têm sua gênese na própria condição histórica da sociedade portuguesa. O ordenamento da língua pela escrita está diretamente vinculado ao projeto de ordenamento social: além de ensinar a ler e a escrever, a normalização molda a língua, nesse caso, a

³ As referências sobre essas datas e o movimento dos livros podem ser encontradas na página 247 no livro *Da famosa Arte da Impressão de Américo Cortez Pinto*.

portuguesa, e o modo de ser português – o português como língua e como povo. A referida *Cartinha* estrutura-se num enunciado didático-pedagógico, propondo, de certa maneira, além de uma iniciação doutrinária, uma iniciação à leitura e à escrita da língua mãe.



Ao fornecer as primeiras noções da língua, João de Barros apresenta um alfabeto ilustrado. Este é o primeiro de que se tem notícia. Ele justifica o abecedário ilustrado por “mais facilmente aprenderem a ler”. Dessa maneira, percebe-se a preocupação de Barros em tornar o ensino mais compreensível àqueles que estudam. Embora o vocabulário LER não faça referência direta à alfabetização e sim a conhecimento, ler é uma forma de interpretar, saber e conhecer, um ato de elaboração técnica e intelectual muito pessoal.

A magnitude do abecedário de João de Barros se alicerça não só por meio da ordenação alfabética que estrutura as ilustrações, mas também pelo fato de vincular as imagens à sequência alfabética. Desse modo, o aluno primeiro é seduzido pelas imagens e pode sentir prazer em aprender a palavra a que se referem, ligando-se ao alfabeto. É aí que reside a beleza e a riqueza de seu abecedário. Ao analisarmos detalhadamente o abecedário, poderemos compreender de que modo João de Barros, ao reunir e concentrar de modo muito pessoal, criativo e inovador as questões vinculadas à evangelização, à colonização, conseguiu, também, criar uma grande obra para a aprendizagem da leitura das crianças.

Embora saibamos não ser incomum ordenar os saberes com o auxílio do alfabeto, seja em forma poética, em capítulos ordenados pelo alfabeto, em listas alfabéticas, ou em *Cartinhas*, vale mencionarmos o fato de que, para o período (século XVI),

[...] a *Cartinha*, de João de Barros, é muito singular e inovadora em termos formais, pois relaciona as letras do alfabeto às imagens, concentrando aspectos do pensamento de João de Barros como homem renascentista, cristão e humanista e ensinando a ler. É importante ver em João de Barros um missionário que investiu numa cruzada linguística ibérica. Sua *Gramática* participou da realização de seu ideal como método de aprendizagem da língua vernácula. Foi, de fato, um veículo de transmissão de um mundo português. A *Cartinha para aprender a ler* abre a *Gramática* e resume alguns conceitos fundamentais para a compreensão deste novo mundo, que se apresenta aos povos colonizados. Aqui, não se fala mais de alfabetização, mas de aprendizagem da língua. Ordenam-se os saberes e os conceitos em ordem alfabética, formando um belo Abecedário ilustrado. (LE DU SILVA, 2003, pp. 27-8)

Introduçam pêra aprender a ler, ou seja, o abecedário inicia a *Cartinha* de João de Barros. As 22 letras latinas estão distribuídas em duas páginas. Na primeira, encontramos as letras de A a M e na segunda página as de N a Z. Em cada letra, há um enquadramento e sobre ela uma ilustração. Um substantivo em português, que corresponde à letra e à ilustração, aparece acima de cada ilustração. No que diz respeito às letras do abecedário criado por João de Barros, vale dizermos que elas representam uma concepção recorrente entre os gramáticos latinos: a noção tripartite da letra. A doutrina mais comum entre os gramáticos era considerar e reconhecer que a letra (*littera*) possuía três aspectos que a definem: o nome, a figura e o valor (*nomem, figura e potestas*). Tal doutrina, por exemplo, é a de Donato e seus continuadores. É a doutrina que o ocidente herdará.

Conforme Desbordes⁴, o nome de uma letra estaria identificado com os seus valores. Por exemplo, o nome A identifica a letra “A” com o som [a], tal como ocorre em nosso alfabeto. A *potestas* da letra é geralmente considerada como o conjunto dos traços distintivos (vogal/ consoante). Já a *figura* estaria relacionada com o “desenho” de cada letra, isto é, a sua forma gráfica. Assim, aplicando a definição às letras subsequentes, encontraremos as suas três propriedades.

Propriedades da letra:

→ *potestas* (consoante)

Littera → *figura* (B)

→ *nomen* (Be)

⁴ *Op. cit.* sobretudo, pp.100-120.

Conforme dito anteriormente, na *Cartinha* é apresentado um alfabeto figurado, em que cada letra é acompanhada de uma pequena figura em que o nome designa a primeira letra do alfabeto: árvore para a letra A e besta para a letra B. Nesse alfabeto ilustrado, Barros segue o modelo latino, pois não difere as semivogais I e U das suas equivalentes latinas J e V. Para a letra U, utiliza como ilustração a imagem de uma viola e, para a letra I, utiliza a imagem de um jarro.

Outro ponto importante neste alfabeto ilustrado é o fato de o H figurar como letra. A oitava letra do alfabeto colocava os gramáticos e os ortógrafos do século XVI perante um difícil problema. Aplicando a definição tripartite da letra herdada dos gramáticos latinos, o H apresenta *nomen* (agá) e *figura* (H), mas o valor não era o mesmo das outras letras, uma vez que, para os latinos, o H representava apenas um sinal diacrítico.

No final da segunda página, encontramos, ainda, a indicação de um outro alfabeto. Nele, Barros diferencia as semivogais I e U das consoantes J e V, além do acréscimo de algumas letras que não constavam do alfabeto ilustrado. As vinte e duas letras do alfabeto ilustrado desdobram-se em trinta e uma letras neste segundo alfabeto.

O alfabeto de João de Barros reflete que os gramáticos e ortógrafos do século XVI estavam mergulhados: por um lado, na necessidade de seguir o alfabeto latino e, por outro lado, no reconhecimento da não correspondência desse alfabeto com as exigências do sistema fonológico e ortográfico da língua portuguesa, que se não estabilizado, pelo menos tendendo para uma estabilização.

A questão era tão polêmica que, por exemplo, Fernão de Oliveira segue as propostas dos gramáticos latinos e associa o til ao h e considera ambos como um sinal diacrítico:

E contudo, a estas duas *til* e *h*, não metemos em conto de letras perfeitas, porque, de feito, a força delas é mui diminuída, e tanto que quase a não sentimos sem ajuntamento de outras letras, nem lhe podemos dar nome próprio qu a pronunçiação delas mostre. (OLIVEIRA, 1536 [1975], p. 51)

Assim, João de Barros criou um abecedário de beleza única, constituído por uma ordem fônica elementar (a sequência de letras): o alfabeto de letras latinas, por um jogo de imagens correspondentes a campos lexicais específicos e seus nomes respectivos.

De modo prático, o alfabeto é estruturado e ordenado, formando uma sequência que se memoriza facilmente e é prontamente reconhecível pelo aluno. As iniciais das palavras servem de referência alfabética. Sendo assim, um modelo que será interiorizado é criado e

constitui um determinado signo linguístico. Na *Cartinha*, o signo linguístico exprime-se a partir da imagem que esclarece o sentido do signo (significado) e, ao significante (parte material do signo), cabe a forma gráfica (a-r-v-o-r-e), que se transformará em forma acústica durante a aprendizagem. Como indica Le Dü Silva (2003):

Ainda no século XVI, os abecedários não resolviam a questão da condição das palavras para formar os sentidos. Limitava-se a apresentar rapidamente o alfabeto latino seguido de tabelas intermináveis de combinações silábicas. Podemos distinguir duas famílias de abecedários: na primeira, cada letra é completada por uma imagem, na segunda, cada letra do alfabeto corresponde à inicial de uma palavra. João de Barros associa estas duas formas e cria uma espécie de “index”, um modo de classificação muito pessoal dos saberes.

De fato, este modo de classificação apresenta níveis de complexidade imperceptíveis, formando teias de leituras que criam diálogos sugestivos e inconscientes entre mestre e aluno. Num primeiro grau de leitura, João de Barros parece ditar por símbolos a conduta do pedagogo diante da aprendizagem. (LE DÜ SILVA, 2003, pp. 27-8)

A *Cartinha* apresenta 23 páginas dedicadas ao processo de aprendizagem da leitura e 46 dedicadas às orações, que também ratificam a aprendizagem do ato de ler. Embora a divisão não igualitária da obra pareça indicar que há pouca preocupação com a aprendizagem da leitura, não podemos nos esquecer de que *A Cartinha para aprender a ler* visa à criação de um compêndio estruturado para o ensino das primeiras letras. Nesse sentido, se a finalidade é a aprendizagem da leitura (primeiras letras), algumas perguntas se fazem pertinentes: qual é a concepção de ler/leitura que podemos depreender da obra de João de Barros? O que significa a aprendizagem da leitura?

Ainda, segundo Le Dü Silva,

se nos referirmos aos métodos usados pela escolástica e pelos humanistas parece claro que o verbo ler não alude diretamente à alfabetização em si, mas à apreensão de um conhecimento. Ler é conhecer, é saber. Saber a partir da memorização. Copiavam-se as leituras feitas em voz alta pelo clero secular; responsável pela educação durante toda a Idade Média, sem as compreender através de uma análise. A memorização facilitava a aprendizagem das disciplinas religiosas e do latim. Eram intermináveis cópias de leituras, de cantos, cálculos eclesiásticos, Salmos da Santa Escritura e das obras de Virgílio e Ovídio. A leitura do mundo também foi feita pelos *Abcs poéticos* cantados e salmodiados pelo clero secular ou por poetas àqueles que não sabiam ler. (LE DÜ SILVA, 2003, pp. 22-3)

Assim sendo, as respostas às perguntas anteriores podem ser alcançadas a partir da leitura do *Abecedário* e das 23 páginas destinadas à aprendizagem da leitura, uma vez que o alfabeto, além de ensinar a língua, transmite gradualmente um conhecimento.

Caso dividamos o abecedário em dois, no centro encontraremos a letra **L (11°)** – **LIVRO** e a imagem de um livro fechado. O ensino se inicia pela primeira letra do abecedário – **A (1°)** – **ARVORE** e se encerra pela letra **Z (22°)** – **ZODIACO**. Os três símbolos, comuns ao Renascimento, nos permitem afirmar que o céu (representado pelo zodíaco) e a terra (representada pela árvore), estando nas extremidades do alfabeto, sugerem a ideia de junção (união entre a terra e o céu = Criação).

O alfabeto é uma ordem infinita e circular e, nesse sentido, a forma de se compor as letras entre si é infinita. Pensamento comum na Antiguidade era o de que as letras, os sons e as palavras representavam o conjunto dos elementos da Criação. O pensamento renascentista retomou muitos valores da Antiguidade e o abecedário da *Cartinha*, de João de Barros, parece coadunar-se com este conceito. Por conseguinte, as letras do alfabeto podem, assim, indicar a seguinte leitura:

A (ARVORE) – árvore da vida, símbolo da Ressurreição, da vida cristã, do conhecimento;

H (HOMEM) – o homem que precisa buscar os “segredos” ainda desconhecidos;

L (LIVRO fechado) – pode ser “revelado” pelo conhecimento linguístico, cultural e metafísico.

O abecedário contempla, ainda, a fauna marítima, o universo imaginário marítimo, os instrumentos de navegação, os objetos pessoais e caseiros, além de um instrumento nacional português e uma arma de defesa:

K (KAGADO) (tartaruga),

X (XARACO) (espécie de peixe),

S (SEREIA) (imaginário marítimo),

N (NAVIO),

Q (QUADRANTE),

C (CESTA),

E (ESPELHO),

F (FOGAREIRO),

V (VIOLA) e

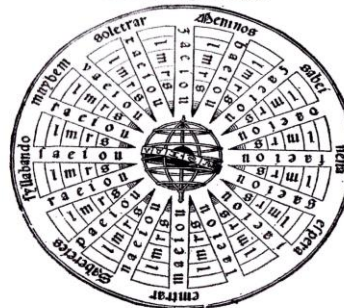
B (BESTA).

Na *Cartinha*, o esforço para tornar o ensino mais acessível e compreensível, àqueles que estudam fica evidente pela imagem da esfera que encontramos em sua obra: uma espécie de círculo silábico.

[Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja]

Folho 4v1

a á a b c d e e f g b i i y k
 l m n o o p q r r s t v u z.
 De las treinta e syete letras oito seruen
 de vogdes.f.
 á a e i ó o u
 Modo de compoer as syllabas com duas
 com tres e com quatro letras.



[124]

A esfera é o símbolo geométrico formado por uma superfície curva e contínua cujos pontos estão equidistantes de outro fixo e interior chamado centro. Todos os seus pontos estão à mesma distância de seu centro e que, de qualquer ponto de vista de sua superfície, a distância em relação ao centro é a mesma. Segundo Mariguella,

o conceito de esfera e sua aplicabilidade, em quinhentos, ganharam forças também nos estudos matemáticos devido às necessidades e questões suscitadas pelas navegações. Matemática, geometria, cartografia e astronomia envolviam-se na busca de métodos eficazes para a construção e a manutenção das rotas das navegações. (MARIGUELA, 2010, p. 57)

Além disso, vale ressaltarmos a conotação simbólica da Esfera Armilar⁵ presente no centro de uma mandala, utilizada como instrumento para cálculos astronômicos, com aplicação em navegação, comparece como o símbolo do próprio universo ilustrado.

Vale mencionarmos que a esfera silábica, a construção do silabário e sua apresentação em seu sistema grafado na *Cartinha* demonstram, além da relevância atribuída ao valor consonântico, a dimensão esférica das articulações possíveis entre as letras e as sílabas, “a translação real do alfabeto, a práxis, que em função do sistema fonológico do português representa por si próprio a porta de abertura para outras línguas, instrumento virtual de uma produção linguística. (BUESCU, 1981, pp. 89-90)

É, na esfera, que se desdobram todas as possibilidades: um se faz outro e, tal como na ordem esférica, a ordem das letras, das palavras e das coisas tem em todos os seus pontos e em todas as suas referências a mesma distância de um ponto em seu interior.

A mandala silábica possibilita a emergência de alguns movimentos combinatórios, que são sílabas na língua portuguesa: as consoantes *l, m, r* e *s* estão alocadas em triângulos e servem para formar a coda⁶ das sílabas. As dezesseis consoantes *b, ç, d, f, g, l, m, n, o, p, r, s, t, v, x, z* formam o *onset* das sílabas. Portanto, a consoante *k*, como em *kágado* e as consoantes dobradas *ch, lh* e *qu* não aparecem na esfera. (ARAÚJO, 2007, p.11)

Destaca-se, também, uma curiosa inscrição de significado oracular: *Meninos sabei nessa esp(h)era entrar sabereis sylabando muybem soletrar*. A inscrição é de grande significado para a aprendizagem das leituras, afinal as palavras inscritas dizem da coisa: *meninos* – aqueles a quem a *Cartinha* é destinada; *sabei* – no modo imperativo afirmativo, o verbo, indicando a prudência, a sensatez, a compreensão e o conhecimento; *nessa*, indicando interioridade, inclusão; *esfera*, representando a própria figura enunciada (a adição das palavras, o ‘*nessa esfera*’ como expressão aludindo ao círculo clássico do conhecimento), a esfera do conhecimento da língua e da fé; *entrar*, tornar-se membro, passar de fora (da língua portuguesa e das leis de Deus) para dentro.

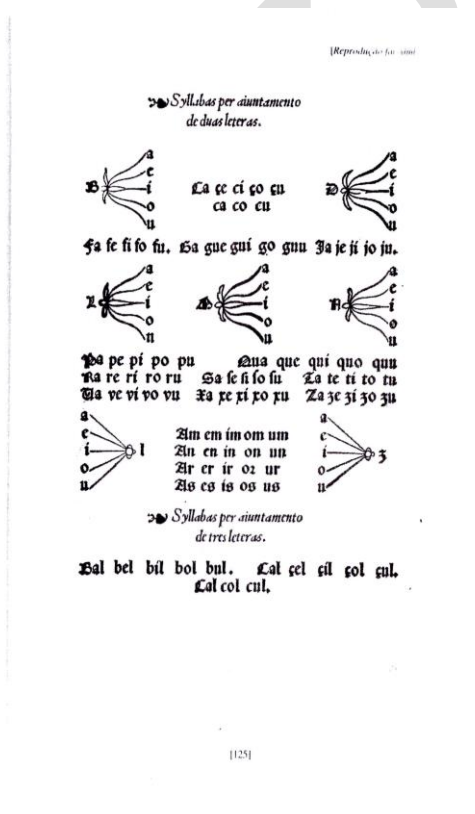
Nesse sentido, passa a ser importante saber as primeiras letras linguísticas e as primeiras letras cristãs para, no círculo do mundo, poder entrar, *sabereis*, a conjugação verbal indica um fato que acontecerá no futuro próximo, entrar na roda implica a aquisição de um

⁵ A esfera armilar foi também utilizada como um dos emblemas de D. Manuel I, responsável pela inclusão desse símbolo na bandeira portuguesa (cf. MELLO, 2002, p. 27). Nesse sentido, representa a expansão marítima dos portugueses trazendo também à cena o jogo de palavras Sfera/Sphera e Spera. Entre a ilustração do mundo Sfera (esfera) e a Spera de D. Manuel pelo trono, esse jogo de palavras encena uma inesgotável circularidade da palavra e das coisas que se fazem com elas.

⁶ Coda: segmento consonântico que ocupa a parte final da sílaba.

conhecimento, de um saber, na esfera silábica nomeada como *soletrar* significando ler, pronunciando separada e sucessivamente as letras de uma palavra e aglutinando-as em sílabas, o exercício de soletração a serviço da memorização.

No que se refere ao conjunto da escrita silábica, expondo as sequências possíveis segundo o agrupamento das letras, o exercício da memorização e da repetição amarra o ensino da língua. Barros, didaticamente, apresentou: as *Syllabas per ajuntamento de duas leteras*; *Syllabas per ajuntamento de tres leteras*; *Outra maneira de syllabas de tres leteras, a meya das quáes é liquida*; *Syllabas per ajuntamento de quatro leteras*; *Outra maneira de Syllabas ditongadas* e, por fim, *Outra maneira de syllabas proprias da língua portuguesa*, possibilitando o aprendizado da leitura por meio da imagem e da circularidade com a letra, a sílaba e a palavra. Vejamos:



João de Barros concluiu sua exposição sobre as sílabas, aludindo às possibilidades de aplicação de uma língua multissilábica:

Dado que nõssa linguágem nam sirvam alguas destas syllabas e assi as terminadas em cõsoantes como as ditongádas falando e escrevendo aconteçam poucas vezes, na me pareceo sem fruto poer exemplllllo déllas, Ca to das sérve assi no latim como em outras linguágees . E o

trablho que se nestas levar será [de] gram proveito pêra os mininos , Ca lhe faz a língua tã solta e costumada a esta generalidade de syllabas que se nam empeça em que a pronunciaçã das dições; e mais tiralhe o cecear que é TAM natural a todos, porque syllabãdo e ditongando peririnas dições, faz perder muita parte da pevide em quanto a língua é tenra⁷. (BARROS, 2007 [1539], p. 35)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos dizer que a aprendizagem da leitura na *Cartinha*, de João de Barros, pode ser lida como um precioso mapa de navegação linguístico e doutrinário: um receituário, uma orientação para a inserção no mundo da fé e das letras. Uma proposta alfabética embasada na seguinte ideia: a linguagem como figura de compreensão é um dom divino e, já que é natural ao homem falar, sua essência é oriunda de Deus.

Assim, a *Cartinha* de João de Barros, em seu construto didático-pedagógico, como uma cartinha doutrinária da língua e da fé, exterioriza a dimensão epistêmica do cenário quinhentista. Para tanto, o livreto sintetiza alguns conceitos fundamentais para a compreensão de um mundo novo e, para isso, inova em termos estruturais e didáticos: relaciona as letras do alfabeto às imagens, concentrando, em muitos pontos, o pensamento de um homem renascentista, cristão e humanista na empreitada de aprender a ler.

Barros procurou facilitar tanto a tarefa do educador quanto a tarefa do aluno. Para tanto, em sua genialidade, foi o iniciador da utilização de métodos visuais para o processo de aprendizagem da leitura, mais de um século antes de Iohannis Amod Comenius (1592-1670)⁸.

Nesse sentido, a leitura da obra fez com que notássemos não só o caráter missionário de João de Barros na cruzada linguística Ibérica, mas também o quanto o autor da *Cartinha* foi um precursor no campo da metodologia e um pioneiro no que diz respeito à didática contemporânea, que estabelece a aplicação de recursos audiovisuais no ensino/aprendizagem dos conteúdos das disciplinas escolares.

⁷ Segue leitura modernizada de Araujo (2008, p. 91) *sobre o proveito que tem saber muitas silabas*: “Dado que em nossa língua não servão algumas destas silabas tanto terminadas em consoantes como ditongadas, falando e escrevendo, aconteçam poucas vezes, não me pareceu sem fruto pôr exemplo delas, pois todas servem, assim no latim como em outras línguas. E o trabalho que nestas se levar será de grande proveito para os meninos, porque lhe faz a língua solta e acostumada a esta generalidade de sílabas que não se impeça na pronúncia das dicções; e por mais, tira-lhe o cecear que é tão natural a todos, porque silabando e ditongando dicções estrangeiras faz perder muita parte da pevide enquanto a língua é tenra”.

⁸ Jan Amós Komenskey (1592-1670), em 1658, escreveu a obra *Orbis Sensualium Pictus* composta de lições acompanhadas por gravuras. A preocupação de Comenius em associar à lição a gravura com o intuito de motivar o aprendiz já comparecia na *Cartinha de João de Barros* onde as letras de fé e de ensino são visíveis em imagens.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Gabriel Antunes. Apresentação. In BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Humanitas/Paulistana, 2008. pp. 7-18.

BARBOSA, Vagner dos Santos. *O pensamento pedagógico de João de Barros: um estudo preliminar da cartinha*. In IV Colóquio Internacional de Educação e contemporaneidade ISSN 1982-3657, 2010. pp. 1 a 9.

BARROS, João de. *Cartinha com os preceitos e mandamentos da Santa Madre Igreja: 1539 ou Gramática da língua portuguesa* /Gabriel Antunes de Araujo (organizador). São Paulo: Humanitas/Paulistana, 2008.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. *Historiografia da Língua Portuguesa - Século XVI*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1984.

DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. São Paulo: Ática, 1995.

LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa: uso & norma*. São Paulo: Humanitas/Paulistana, 2007.

LE Dü Silva, Véronique. Saberes em forma de abecedário: a cartinha de João de Barros. In *PLURES – Humanidades: Revista da Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação*, Ribeirão Preto: 4, 1, jan./nov., 2003, pp. 20-9.

MARIGUELA, Adriana Duarte Bonini. *Circularidade no século dezesseis: emergência da similaridade na cartinha de João de Barros e no catecismo de Diogo Ortiz*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas/SP, 2010.

OLIVEIRA, Fernão de. *Gramática da linguagem Portuguesa*. Introdução, leitura atualizada e notas de Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1975.

ABSTRACT

Our goal in this work is to identify plans apprenticeship to reading that permeate *Cartinha*, making it a unique and singular document. We base our research theoretical in the area of History of linguistic Ideas and we limit our analysis in the scope in the alphabet and syllabary, leaving the part corresponding to the prayers (religious precepts and commandments) for future studies. We conclude that João de Barros was a forerunner in the field of methodology and a pioneer in regard to contemporary didactic.

Key words: History of Linguistic Ideas. Reading. Grammar. João de Barros.

Envio: Abril/2013

Aprovado para publicação: Junho/2013